



**XVI
ENFOC
2021**

XVI - Encontro de Iniciação Científica e Fórum Científico, VII Seminário PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.

SERVIÇO SOCIAL E A INTERSECCIONALIDADE

Aparecida Oliveira Silva 1, Paula Camilo Sperfeld 2, Thayz Conceição Cunha de Athayde 3

1. Estudante do curso de Serviço Social do Centro Universitário Internacional UNINTER, pesquisadora e bolsista do Grupo de pesquisa a pluralidade no serviço de acolhimento institucional e familiar de crianças e adolescentes no Paraná: gênero, raça e diversidade.
2. Estudante do curso de Serviço Social do Centro Universitário Internacional UNINTER, pesquisadora e bolsista do Grupo de pesquisa a pluralidade no serviço de acolhimento institucional e familiar de crianças e adolescentes no Paraná: gênero, raça e diversidade.
3. Professora da UNINTER – Orientadora, Doutora em Psicologia e Educação.

Grupo de trabalho: Serviço Social, Trabalho, Formação e Sociabilidade.

RESUMO

Essa pesquisa possui sua metodologia baseada nos caminhos que são os teóricos metodológicos defendidos por Foucault, tem como objetivo geral discutir e apresentar a interseccionalidade como ferramenta de análise para as profissionais assistentes sociais. Entendemos a importância e a urgência de falarmos sobre a interseccionalidade uma vez que ela pode nos auxiliar nas mais diversas formas de intervenções das rotinas profissionais. Sabemos que historicamente a profissão do Serviço Social tem sua gênese baseada em atitudes que tinham como princípio as ideias cristãs e que com o passar dos anos essas bases sofreram modificações e na atualidade, utilizamos a teoria crítica marxista. No entanto sabemos que ainda existe entranhado no nosso nicho profissional ideias conservadoras e patriarcais, por essas e outras questões entendemos que é fundamental falarmos sobre a interseccionalidade.

Palavras-chave: Assistente Social. Práxis. Ferramenta Interseccional.

INTRODUÇÃO

O Serviço Social no Brasil teve sua gênese nas atividades relacionadas a igreja católica, em 1932 foi inaugurada o Centro de Estudos de Ação Social (CEAS), essa instituição foi a primeira escola de Serviço Social no Brasil suas práticas de intervenções eram voltadas para a caridade e filantropia, as abordagens eram psicologizante, moralizadora, conservadora, individualista e a pobreza era responsabilidade da própria pessoa (TRINDADE, 2017). Em 1980 o Serviço Social foi remodelado e as correntes de caridade e filantropia se tornaram obsoletas. Surge assim o Serviço Social baseado na Teoria Crítica Marxista, se tornou uma profissão comprometida com as lutas políticas do povo (IAMAMOTO, 2014).

Utilizaremos a linguagem desse resumo no feminino uma vez que entendemos que é fundamental resistirmos contra as normas patriarcais impostas em vários ambientes sociais dentre eles o acadêmico, é entendendo a relevância de escolhas políticas e teóricas dentro desses espaços tão importantes escolhemos contrariar as normas (ATHAYDE, 2015). Assim sendo utilizaremos o feminino para falarmos da profissional Assistente Social, uma vez que somos maioria (LISBOA e OLIVEIRA, 2019).

PARCEIROS



REALIZAÇÃO





**XVI
ENFOC
2021**

XVI - Encontro de Iniciação Científica e Fórum Científico, VII Seminário PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.

Enquanto assistente sociais, sujeitos de ativos e críticos na sociedade na qual vivemos e exercemos nossa profissão devemos entender que a vivência é um constante processo de aprender e ensinar, reformulamos nossas intervenções e aprendemos com as antigas, essas atividades cumprem também uma função de luta, de combate, uma vez que precisamos estar em constante processo de fortalecimento pois a vida é dinâmica e as batalhas, tanto no campo profissional como pessoal, são uma constante, nossas relações envolvem o coletivo e nosso ofício é entender que nossa atividade laboral é de ajudar e de ser ajudado uma vez que como mencionado anteriormente estamos em constante aprender e ensinar (FREIRE, 2004).

METODOLOGIA

Os referenciais utilizados no artigo são bibliográficos e seguem o caminho teórico metodológico que foram impostos, como defende Michel Foucault por relações de poder, ao adotar esse enfoque teórico-metodológico tentamos demonstrar por meio de estudos das principais autoras citadas as quais serviram de base teórica que existe outros olhares e outros pensamentos que não nasce dessa cultura estruturada por bases eurocêntricas, racistas e patriarcais. A ideia dessa nossa pesquisa bibliográfica é demonstrar que podemos mudar muitas atitudes preconceituosas que há tanto tempo estão entranhadas em nosso meio, nossa utopia é que esse sistema conservador, machista e sexista possa ser mitigado, e essa mitigação ocorrerá se cada dia mais pessoas entenderem sobre a importância de utilizarmos na ética-política através da práxis libertadora nas rotinas das profissionais assistentes sociais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O termo interseccionalidade foi formalizado por Kimberlé Crenshaw e amplamente divulgado em conferências, dentre elas as Conferências Mundiais de Viena e Beijing. Crenshaw (2002) defendia que a Declaração Universal dos Direitos Humanos com sua universalidade deixava de garantir direitos específicos para mulheres.

A discriminação racial é marcada em muitas situações também pelo gênero, as mulheres são as que mais tem seus direitos humanos violados. “Portanto, a incorporação do gênero, no contexto da análise do racismo, não apenas traz à tona a discriminação racial contra as mulheres, mas também permite um conhecimento mais profundo” (CRENSHAW, 2002, p. 173). As formas de intolerâncias raciais são diferentes quando se trata de gênero.

Mesmo antes do termo interseccionalidade ser apresentado por Kimberlé Crenshaw, outras teóricas já pensavam esse conceito, mas sem nomeá-lo como interseccionalidade. Nesse texto, trazemos Angela Davis (2016), Lélia Gonzalez (2019) e Patrícia Hill Collins (2021) para dialogar sobre esse tema. No livro “Mulheres,



REALIZAÇÃO





**XVI
ENFOC
2021**

XVI - Encontro de Iniciação Científica e Fórum Científico, VII Seminário PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.

Raça e Classe”, Angela Davis (2016) afirma que o racismo e o sexismo se conversam constantemente, as mulheres de cor de minoria étnica (no caso dos Estados Unidos as chamadas mulheres de cor, ou seja, asiáticas, indígenas e de outros grupos) sofrem as mais variadas opressões. “Os salários pagos às trabalhadoras domésticas brancas sempre foram fixados pelo critério racista usado para calcular a remuneração das serviçais negras” (DAVIS, 2016, p. 102).

No Brasil a filósofa, antropóloga, professora, militante do movimento negro e feminista Lélia Gonzalez escrevia e discutia sobre os temas relacionados a raça e gênero. Gonzalez (2019) apresenta a discussão sobre o mito da democracia racial que encobre a realidade que segrega e “a trágica realidade vivida pelo negro” (GONZALEZ, 2019, p. 38). Após o fim da escravidão, quando teoricamente todos eram iguais perante a lei, segundo Lélia Gonzalez (2019), a mulher negra que se tornou a base para a comunidade.

CONCLUSÕES

A interseccionalidade, termo como antes mencionado, cunhado pela intelectual afro-estadunidense Kimberlé Crenshaw é um conceito que possui uma sensibilidade analítica, ou seja, ele pode ser aplicado a partir dos marcadores sociais e de relações de poder, e não é somente utilizado para mulheres negras. Kimberlé Crenshaw destaca que a interseccionalidade pode ser utilizada nas mais diversas áreas, sendo empregada em questões que envolvem pessoas trans¹, por exemplo, dentre outros marcadores da diferença. No entanto é importante afirmar que o conceito de interseccionalidade nasceu e que foi pensado “por feministas negras cujas experiências e reivindicações intelectuais eram inobservadas tanto pelo feminismo branco quanto pelo movimento antirracista, a rigor focado nos homens negros” (AKOTIRENE, 2020, p. 18).

A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitária em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais. Segundo Kimberlé Crenshaw, a interseccionalidade permite-nos enxergar a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitária, além do fracasso feminino em contemplar mulheres negras, já que reproduz o racismo. Igualmente, o movimento negro falha pelo caráter machista, oferece ferramentas

¹ Segundo o site transfeminismo.com: O termo trans pode ser a abreviação de várias palavras que expressam diferentes identidades, como transexual ou transgênero, ou até mesmo travesti. Por isso, para evitar classificações que correm o risco de serem excludentes o asterisco é adicionado ao final da palavra transformando o termo trans em um termo guarda-chuva [umbrella term] – um termo englobador que estaria incluindo qualquer identidade trans “embaixo do guarda-chuva”. Daí a ideia do guarda-chuva. Além disso, o termo também pode incluir pessoas trans* que se identificam dentro e/ou fora do sistema normativo binário de gênero, ou seja, da ideia normativa que temos de “masculino” e “feminino” que forma um binário.

PARCEIROS



REALIZAÇÃO





**XVI
ENFOC
2021**

XVI - Encontro de Iniciação Científica e Fórum Científico, VII Seminário PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.

metodológicas reservadas às experiências apenas do homem negro (AKOTIRENE, 2020, p. 19).

Entendendo a interseccionalidade como forma de investigação crítica podemos utilizá-la como um extenso sentido de estruturas que analisam diversos fenômenos sociais, nos contextos globais, regionais e locais. As práticas interseccionais provocam o *status quo* e tem como objetivo decompor as relações de poder (COLLINS e BILGE, 2021).

Entendendo a importância de ações baseadas na interseccionalidade as profissionais assistentes sociais podem fazer uso de metodologias para analisar situações de qual forma ocorre subordinação interseccional, essas metodologias podem ser executadas com o uso da práxis e demais ferramentas, é por meio dessas metodologias que se desnuda diversas estruturas de subordinação (COLLINS e BILGE, 2021).

A interseccionalidade nos mostra e nos faz reconhecer as opressões que muitas de nós vivemos e vivenciamos enquanto profissionais enquanto mulheres e outros marcadores sociais. A interseccionalidade articula as encruzilhadas identitária que podem estar relacionadas ao racismo, ao sexismo, as violências, ao capacitismo, todas essas opressões modernas coloniais. “A interseccionalidade nos permite partir da avenida estruturada pelo racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado, em seus múltiplos trânsitos, para revelar quais são as pessoas realmente acidentadas pela matriz de opressão” (AKOTIRENE, 2020, p. 47).

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Feminismos plurais. São Paulo: Editora Jandaia, 2020.

ATHAYDE, Thayz Conceição Cunha De. **A marcha das vadias e a escola. Feminismo, corpo e (bio) política**. 2015. Disponível em <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/38362> acesso em 29 de março de 2021.

COLLINS, Patrícia Hill, BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Estudos feministas, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/abstract/?lang=pt> acesso em 29 de julho de 2021

PARCEIROS



REALIZAÇÃO





**XVI
ENFOC
2021**

XVI - Encontro de Iniciação Científica e Fórum Científico, VII Seminário PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.

DAVIS, Angela. **Mulheres raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, interpretações e diálogos/ organização Flávia Rios, Márcia Lima**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020

IAMAMOTO, Marilda Villela. **A formação acadêmico-profissional no serviço social brasileiro**. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sssoc/a/t7jmcDg9vPQG3bhmz3WTPCs/?format=pdf&lang=pt> acesso em 03 de setembro de 2021

LISBOA, Teresa Kleba; OLIVEIRA Catarina Nascimento de. **O saber da prática: por um serviço social com perspectiva feminista**. 2019. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/nequem/article/view/50719> acesso em 02 de agosto de 2021

TRINDADE, Mably. **O serviço social no Brasil: Gêneses, natureza e desafios na contemporaneidade**. 2017. Disponível em: <https://testeprod.unimontes.br/sesoperspectiva/article/view/324/322> acesso em 03 de setembro de 2021

PARCEIROS



REALIZAÇÃO

